

Agonia

Ed Ferreira/AE

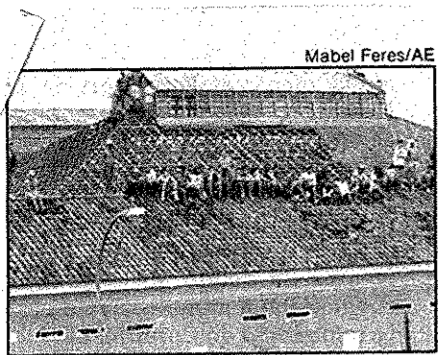
Galdino respira com a ajuda de aparelhos: médicos não vêem chances de sobrevivência

Jovens ateiam fogo em índio em Brasília

O índio pataxó hã-hã-hã Galdino Jesus dos Santos foi queimado vivo ontem por um grupo de cinco rapazes de classe média em Brasília. Ele dormia em um ponto de ônibus, por volta das 5h30, quando os jovens desceram de um carro e jogaram líquido inflamável sobre seu corpo, ateando fogo em seguida. Com a quase totalidade do corpo queimado, suas chances de sobrevivência são muito remotas, segundo os médicos que o atenderam. Ele só

não tem queimaduras na sola dos pés e no alto da cabeça. Os acusados — Max Rogério Alves, Eron Chaves Oliveira, Antônio Novelli Villanova, filho de um juiz, Tomás Oliveira de Almeida, todos de 19 anos, e o menor G.N.A.J. — foram presos pela manhã com a ajuda de uma testemunha que anotou a placa do carro. O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ter ficado revoltado com o ataque ao índio e exigiu providências.

OESP
21/4/97 C-1 cont.
497



Violência na cadeia

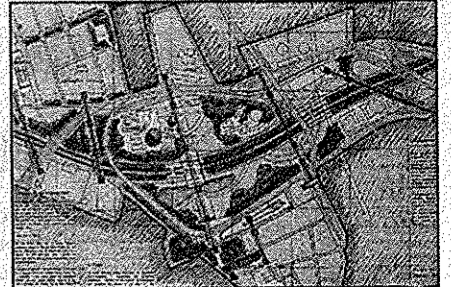
Detentos rebelam-se e matam dois colegas em Praia Grande. Pág. 7

O ESTADO DE S. PAULO

Cidades

SEGUNDA-FEIRA, 21 DE ABRIL E 1997

Planos para o centro
Projeto de arquiteta prevê revitalização do Parque D. Pedro II. Pág. 8



Rapazes ateiam fogo em índio em Brasília

Cinco jovens de classe média, entre eles um menor, jogaram substância inflamável e puseram fogo no pataxó Galdino Jesus dos Santos, que visitava Brasília e dormia num ponto de ônibus

LUAIKO OTTA
e RENATA DE FREITAS

BRASÍLIA — O índio pataxó há-há-há Galdino Jesus dos Santos foi queimado vivo ontem por cinco jovens de classe média. Ele dormia num ponto de ônibus, quando, por volta de 5h30, um Monza parou a seu lado. Os jovens jogaram um líquido sobre seu corpo (álcool ou tiner) e atearam fogo.

Socorrido, Santos chegou consciente ao Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), mas os médicos não vêem possibilidades de sobrevivência. Ele só não tinha queimaduras nas solas dos pés e no alto da cabeça. Em 85% do corpo, as queimaduras eram de terceiro grau profundo, o tipo mais grave. No fim da tarde, ele respirava com ajuda de aparelhos e apresentava insuficiência renal aguda.

Os acusados — Max Rogério Alves, Eron Chaves Oliveira, Antônio Novelli Villanova, Tomás Oliveira de Almeida, todos de 19 anos, e o menor G.N.A.J. — foram presos poucas horas após o crime. Um dos jovens, Antônio Villanova, é filho do juiz Novelli Villanova Reis, da 7ª Vara Federal.

A identificação foi fácil porque uma testemunha, o chaveiro Nairo Euclides Santos Magalhães, anotou a placa do Monza. Por ela, a Polícia Militar chegou a Max Alves. O carro pertence a sua mãe. Ele prestou depoimento às 7 horas e confessou o crime. Interrogados pela polícia, os acusados disseram que julgaram tratar-se de um mendigo e não tinham noção das consequências.

No hospital, o índio prestou informações e foi sedado, por causa da dor. Em seguida, os médicos ligaram

um aparelho de ventilação, para ajudá-lo a respirar. "As possibilidades de ele sair com vida são nulas", disse a doutora Maria Célia Martins Bispo. "O quadro é extremamente grave."

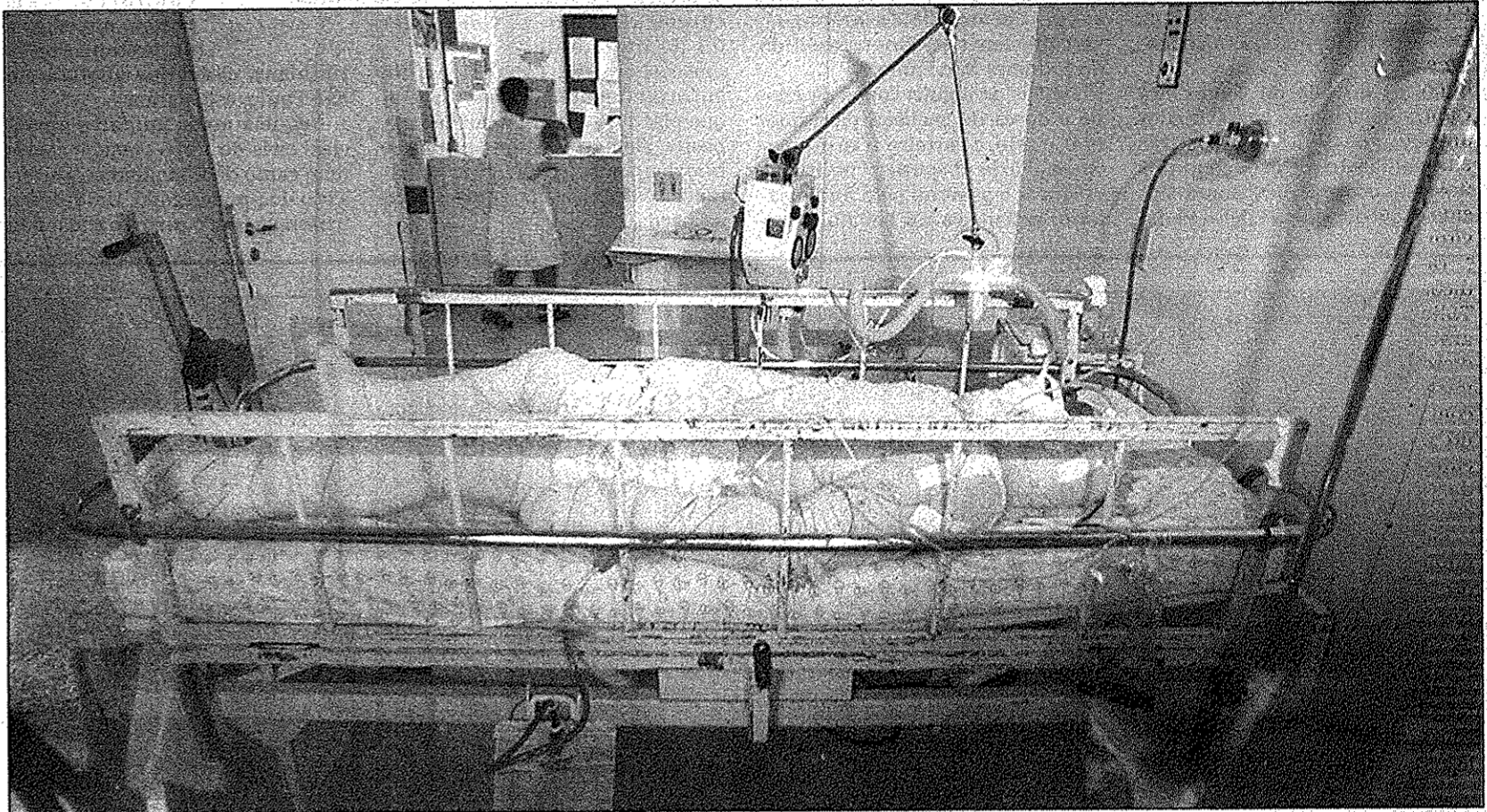
Ritual — Antes de ser sedado, Santos contou que chegara tarde à pensão em que estava hospedado e fora impedido de entrar. Ele mora em Pau-Brasil, sul da Bahia, e estava em Brasília para uma audiência na Procuradoria-Geral da República. Santos chegou a Brasília na sexta-feira, participou de manifestações contra o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Geiger, e, na noite de sábado, foi a uma festa na Funai com outros índios. Na volta, perdeu-se do grupo e vagueou até chegar à pensão.

Por volta de 14 horas, um grupo de índios foi visitá-lo no hospital. O pajé Tito Mowe preparava um ritual para "fortalecer o espírito" do índio, explicou o cacique Marcos Terena. Era uma espécie de extrema-unção indígena.

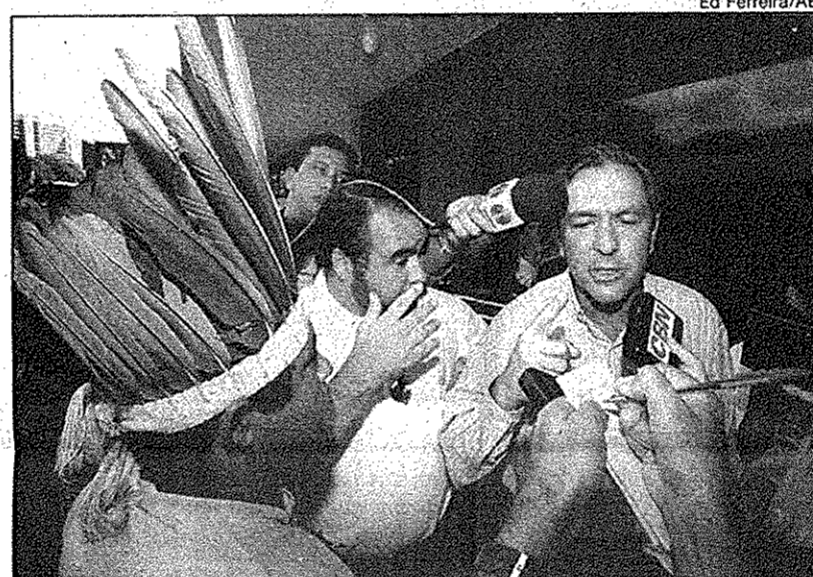
Santos, de 43 anos, tem mulher e três filhos, que ficaram na Bahia. Na hierarquia da aldeia Caramuru-Catarina-Paraguaguá, ele ocupa posição de liderança no terceiro escalão, como conselheiro.

O ministro interino da Justiça, Milton Seligman, esteve na 1ª Delegacia de Polícia, onde estão quatro dos acusados. "Nossa intenção é denunciar e julgar o caso o mais rápido possível de forma que a mancha da impunidade não nos evergonhe ainda mais", disse. O representante do Brasil no grupo de populações indígenas da Organização das Nações Unidas (ONU), Marcos Terena, anunciou que vai relatar o caso em Nova York.

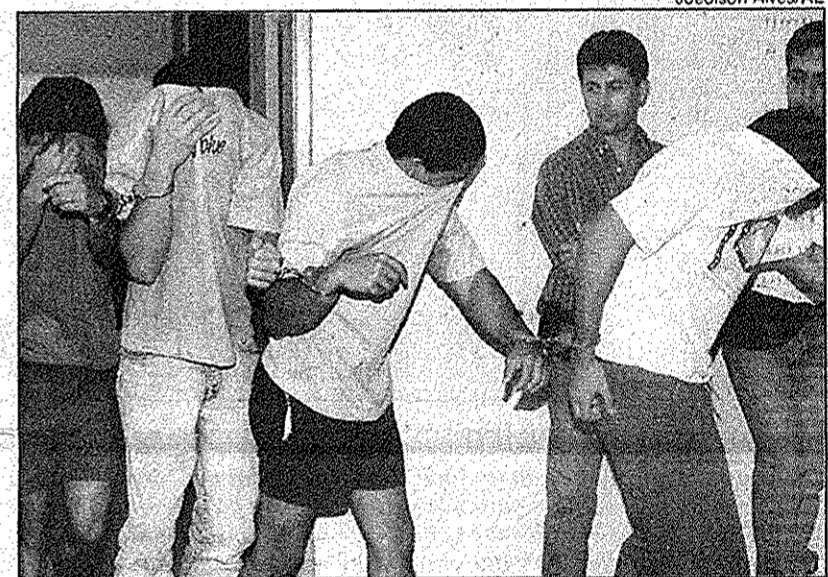
ACUSADOS PENSARAM QUE FOSSE "UM MENDIGO"



Galdino Jesus dos Santos, no hospital: queimaduras de terceiro grau em 85% do corpo e quase nenhuma chance de sobreviver



O ministro interino Justiça, Milton Seligman: visita ao hospital



Acusados da agressão estão presos: descobertos pela placa do carro

Crime é considerado inafiançável

BRASÍLIA — A delegada Rosângela Cele Silveira, da 1ª Delegacia de Polícia de Brasília, onde estão presos quatro acusados, afirmou que a agressão contra o índio Galdino Jesus dos Santos é uma tentativa de homicídio qualificado com uso de fogo, classificado como crime hediondo pelo Artigo 121, parágrafo 2º, inciso III do Código Penal. Se o índio morrer, os acusados podem vir a receber sentença de 12 a 30 anos de prisão. Se a vítima sobreviver, a pena pode ser reduzida em um terço.

O menor acusado do crime está detido na Delegacia da Criança e do Adolescente. Todos ficarão presos

até o julgamento, porque o crime do qual são acusados é inafiançável.

O caso será encaminhado ao Tribunal de Justiça do Distrito Federal. Segundo o secretário de Segurança Pública do DF, Roberto Aguiar, é competência da Justiça Comum julgar um crime hediondo, mas os advogados dos acusados podem solicitar que o caso seja levado à Justiça Federal, que tem alçada sobre a população indígena. Na Justiça Comum, os acusados iriam a júri popular. "A Justiça é soberana, mas tem de ter compromisso com a honra do Brasil", comentou o governador Cristóvam Buarque. (R.F. e L.A.O.)

Presidente diz que ficou "revoltado" com o crime

Ele determinou urgência ao ministro da Justiça; Seligman afirma que denúncia será rigorosa

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso ficou "revoltado e chocado" com a agressão ao índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. "Que barbaridade, que horror", reagiu o presidente, ao ser informado do caso pelo ministro interino da Justiça, Milton Seligman, na véspera de embarcar para o Canadá em viagem oficial.

Ele determinou urgência a Seligman, que visitará a Procuradoria-Geral da República e a Procuradoria do Distrito Federal, para discutir os detalhes da denúncia contra os agressores.

Ainda não se sabe se o caso irá para a Justiça Comum ou pela Justiça Federal, mas a denúncia, segundo

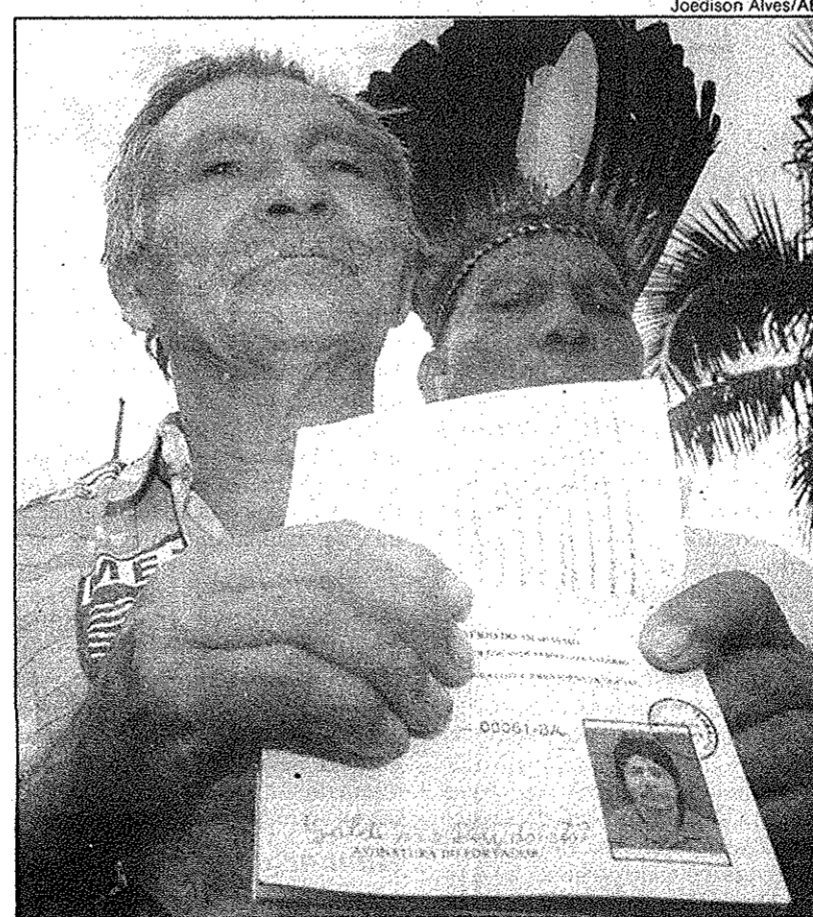
o ministro interino, será rigorosa. Além da tentativa de homicídio (que pode se transformar em homicídio doloso), os adolescentes devem ser enquadrados em formação de quadrilha ou bando (aumentando a pena em caso de condenação). Eles também passaram a ser suspeitos de dois assassinatos de mendigos ocorridos nos últimos meses em Brasília.

Os agressores foram levados a exame no Instituto Médico Legal ontem à noite. Os policiais que os prenderam, porém, duvidam de que tenham agido sob efeito de drogas ou álcool.

Segundo uma testemunha, os jovens chegaram a festejar o "sucesso" da agressão, quando as chamadas tomaram conta do corpo de Santos.

Um dos acusados, Max Rogério Alves, é enteado do ministro aposentado Valter Medeiros, do Tribunal Superior Eleitoral. Os irmãos Tomás Oliveira de Almeida e G.N.A.J., de 17 anos, são filhos de funcionários públicos. O pai de Eron Chaves Oliveira é oficial do Exército.

ACUSADOS FORAM SUBMETIDOS A EXAMES NO IML



Juvenal Rodrigo Pataxó, pai da vítima: "Tem de ter justiça"



Nairo Magalhães, que ajudou a polícia a identificar os acusados: "Pergunto-me se essas pessoas são seres humanos"

'Têm de parar de matar a gente'

BRASÍLIA — "Tem de ter justiça, têm de parar de matar a gente", pediu ontem o índio Juvenal Rodrigo Pataxó, pai de Galdino Jesus dos Santos. Sua voz não estava embaraçada de dor. Nenhuma lágrima saía de seu olhar firme. Outro filho seu, João Cravim, era um conhecido líder do movimento indígena pela demarcação de terras. "Foi morto no facão", contou Juvenal. O assassinato, cometido por fazendeiros, ocorreu há dez anos e ficou impune.

Na terça, Santos participaria de uma audiência na Procuradoria-Geral da República para tratar da

demarcação de terra. "Agora, nem sabemos se vai ter audiência", disse o índio Gerson Pataxó. "Se ele morrer, teremos de voltar."

Há quase duas décadas, os pataxós lutam para ter de volta os 36 mil hectares que lhes foram destinados pelo Exército, em 1926. Segundo Gerson Pataxó, os índios foram expulsos por fazendeiros da região com títulos falsos. Hoje, eles vivem em uma área de 1.079 hectares. Na semana passada, eles comemoravam uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que lhes concedeu mais 778 hectares. (L.A.O.)

Chaveiro socorre vítima e identifica agressores

Magalhães anotou a placa do carro dos acusados e usou extintor para ajudar Santos

BRASÍLIA — O chaveiro Nairo Euclides Santos Magalhães, de 19 anos, ajudou a polícia a identificar os acusados da agressão ao índio. Foi Magalhães quem anotou a placa do Monza preto (JDQ-5807). "Pergunto-me se essas pessoas são seres humanos", dizia à tarde, após 12 horas de espera para depor. Nesse período, Magalhães chorou mais de uma vez, ao lembrar a cena da agressão. "A cara dele desmanchava", disse. "A pele do braço saía sozinha."

Magalhães e a amiga Tatiana Passos passavam pela principal avenida de Brasília (a W-3 Sul) quando viram um vulto em chamas. A testemunha teve a chance de ver quatro rapazes correndo em direção ao Monza, que arrancou em velocidade. Magalhães seguiu-os com seu Opala

até anotar a placa. Na 1ª DP, ele reconheceu um dos acusados.

Quando voltou ao ponto de ônibus onde ocorreu o crime, Magalhães já encontrou o advogado Evarildo Castelo Branco Pertence, filho do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Sepúlveda Pertence, que tentava socorrer a Santos. "O ponto de ônibus estava em chamas", disse Magalhães. Outras duas pessoas — Adriano Gomes Siqueira e José Maria Gomes — chegaram num Fusca e tentaram apagar o fogo.

Todos tentaram apagar o fogo com cerveja e água. Não adiantou. Evarildo Pertence usou o pálete que vestiu numa festa de casamento. Ele estava acompanhado da namorada, Janaina, que entrou em estado de choque. As chamas só cederam quando Magalhães usou o extintor de incêndio do carro. A ambulância chegou 10 minutos após o chamado, mas o corpo de Santos já estava 95% queimado. À tarde, o ministro Seligman visitou Santos. (L.A.O. e R.F.)

FILHO DO PRESIDENTE DO STF PRESTOU SOCORRO